

FERNANDO DE PAMPLONA

DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS-ARTES

*DICIONÁRIO DE*  
*PINTORES E*  
*ESCULTORES*  
*PORTUGUESES*

III



DISTRIBUIÇÃO EURO-LIBRIS

FERNANDO DE PAMPLONA  
DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS-ARTES

*DICIONÁRIO DE*  
**PINTORES E**  
**ESCULTORES**

*PORTUGUESES*  
*OU QUE TRABALHARAM*  
*EM PORTUGAL*

III

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
(ACTUALIZADA)

*PREFÁCIO DE RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA*

LIVRARIA **Civilização** EDITORA

GAMA (DIOGO PEREIRA DA)—PINTOR ALENTEJANO DO SÉCULO XIX. Figurou com aguarela e desenho na Exposição de Pintores Alentejanos, efectuada em Vila Viçosa em 1946.

GAMBOA (DIOGO VAZ) — PINTOR DOS SÉCULOS XVI E XVII († 1607), natural de Viseu. Há referências documentais a este artista, com data de 1594 e 1607. Obra desconhecida.

BIBLIOGRAFIA: Luís Reis-Santos—«Vasco Fernandes e os pintores de Viseu do século XVI».

GAMBOA (MANUEL)—PINTOR ABSTRACTO OU ABSTRACTIZANTE. Também se dedica à tapeçaria. Estudou na Alemanha, onde vive. Exp.: S.N.I., 1969. Palavras de F. Pamplona, «Crítica de Artes Plásticas», Emissora Nacional de Radiodifusão, 6-4-1969: «São pinturas abstractas ou abstractizantes, em geral compartimentadas, de contornos vigorosos e abundante matéria pictórica».

GAMEIRO (ALFREDO ROQUE)—GRANDE PINTOR AGUARELISTA CONTEMPORÂNEO (1864-1935), discípulo de Manuel de Macedo, de Henrique Casanova, de Niepper e da Escola de Artes e Ofícios de Leipzig, que foi frequentar em 1893 como pensionista do Estado. Pode dizer-se que foi ele entre nós quem deu à aguarela pergaminhos de nobreza, criando uma verdadeira tradição. O que, neste domínio, havia antes dele quase não conta: o que de bom se fez depois dele muito deve ao seu mestrado. De técnica poderosa, de extraordinária acuidade visual, que lhe permitia captar os segredos das coisas e dos seres, de sentimento privilegiado da forma e da cor, Roque Gameiro deixou uma obra admirável, que pede meças às dos melhores aguarelistas europeus da sua época.

Foi sobretudo como intérprete do mar português, dos trechos da nossa costa alcantilada e arenosa, onde as águas rebentam com fragor ou vêm morrer numa carícia lenta, que Roque Gameiro se notabilizou, mostrando a magia da sua visão lírica e forte ao mesmo tempo, bem como o seu poder plástico, feito de segurança e de finura conjugadas. A transparência das águas marinhas, o seu movimento vivo, ondulante e caprichoso, a sua gama cromática tão rica e fugitiva, as rochas imensas, ciclópicas, de reflexos irisdos sob a carícia do sol—tudo toma relevo e cor nas aguarelas de Roque Gameiro, enriquecido e transfigurado pela paleta do artista. Lembremos, por exemplo, algumas das suas mais belas marinhas, reunidas em boa hora na Exposição Retrospectiva de



1946: «Mar» (1916), de tons verdes e tons de aço, em que se surpreende o rugir da onda leonina; «Praia da Adraga» (1916), obra magnífica de sensibilidade e grandeza, erguendo-se do lirismo à epopeia; «Gruta marinha» (1917), sob cujos penedos pesados e escuros as águas se agitam num longo marulhar; «Fortaleza das Berlengas» (1924), de águas movediças e translúcidas, franjadas de espuma e tão ricas de cambiantes, que vão do azul-ferrete ao verde-glaucó, a envolver a mole de pedra acastanhada do castelo marinho; «Forte da Nazaré» (1924), contraste soberbo entre o grande bloco de rocha e as formas serpentinadas, fugidias, das vagas de tons variegados; «Praia do Cavalo» (1916), de areia alagada pelo espriar das ondas e de rochas refulgentes sob os dardos da luz solar; «Foz—Nazaré» (1923), de águas azuis de turquesa junto do areal pálido; «Mar depois da chuva», de vagas inquietas multicores, com fulgor de pedrarias em sua transparência luminosa, a alongarem-se na praia, junto de enormes rochedos de tons barrentos; ou ainda essa admirável «Cova do Sono» (Berlengas, 1924), em que, na meia-luz da gruta marinha de tons castanhos e esverdeados, as águas se tingem dum azul profundo. Obras singulares estas, de segurança e largueza de aguada só comparáveis à sua leveza e limpidez.

Também na paisagem rústica Roque Gameiro mostrou a pujança dos seus dons interpretativos, fixando de maneira saborosa o colorido e o encanto dos nossos rincões sertanejos, como os aspectos deliciosos de bucolismo de aldeia de Avô, no coração das Beiras. Uma das suas glórias está em haver sido o intérprete inigualável da velha Lisboa das ruelas tortuosas, dos becos, das escadinhas, dos arcos e dos fontenários, e também dos trechos de arquitectura senhorial, das casas nobres e palácios patinados pelo tempo. Recantos cheios de pitoresco e poesia, trechos de casario de beirais arrebicados e varandas floridas, dispostos em cascata no dorso branco das colinas, surgem-nos ricos de expressão em seu mosaico de tintas róseas, amarelas ou vermelhas, comidas pelo sol ou desbotadas pelas invernias. Que esquisita graça e que vincado carácter o artista soube desencantar nos mil e um aspectos da Lisboa antiga, que vai desaparecendo dia a dia sob o camartelo do progresso! Algumas reconstituições de antanho, sobretudo da época áurea dos Descobrimentos, com galeões e caravelas fulgurantes de cor, como «Chegada das naus» ou «Lisboa no século XVI», têm poder de evocação em seu jeito ilustrativo.

Também Roque Gameiro se impôs como retratista de processo

simples, mas directo e penetrante. A sua obra-prima, neste domínio, é o «Retrato da Mãe do Artista» (1904), admirável de sentimento interpretativo e prodigioso de feitura no vigor das formas e na soberba marcação dos volumes, mau-grado a pobreza da matéria de que se serviu.

Como ilustrador, atingiu grande relevo. De colaboração com o seu mestre dos verdes anos, Manuel de Macedo, executou as aguarelas originais para ilustrar a grande edição das obras completas de Almeida Garrett, surgida em 1904; também de parceria com Macedo fez as ilustrações para a edição monumental de «Os Lusíadas», publicada em 1900 pela Empresa da História de Portugal. Desenhou alguns retratos de Camões. Ilustrou de maneira saborosa e colorida a edição monumental de «As Pupilas do Senhor Reitor», de Júlio Dinis. Ele e Alberto de Sousa foram os colaboradores artísticos dos «Quadros da História de Portugal» coordenados por Chagas Franco e João Soares. Gameiro ilustrou ainda a «Colonização Portuguesa no Brasil» e bem assim muitas outras obras de categoria. Também se distinguiu como litógrafo.

Dele escreveu o grande poeta Afonso Lopes Vieira, seu irmão na sensibilidade, no prefácio do álbum «Lisboa Velha», em que se reúnem as melhores aguarelas deste mestre sobre os aspectos típicos da cidade do Tejo: «...pertence à escola dos artistas caminheiros, os quais elegem para oficina de trabalho os campos e as praias, os vales e os montes, se embebem de luz e de ar livre, se encantam com a cor e a linha dos seus aspectos e com o carácter das gentes que os povoam. Sempre vestido de briche nacional, rude estofa tão azado para as calmas do verão como para os frios do inverno, este homem, moço de espírito, achou o segredo da perpétua juventude no enternecimento com que jamais se cansa de colher as fisionomias doces, severas ou amplas da Grei. Para guardar-lhe os traços suaves ou grandiosos, tem subido as serras ásperas e tem desenhado ao ritmo das vagas, a bordo de batéis de pescadores... E, deste modo, trespassado de lusitanismo, Roque Gameiro tem produzido, com tão exemplar seriedade e tão adestrado talento, o que se me afigura um vasto «Livro de Horas» português. Creio, em verdade, que este mestre descende dos nossos admiráveis iluminadores dos séculos xv e xvi, os quais nos legaram terníssimas páginas, tão sentidas nas atmosferas, nas árvores e nas personagens, que ainda agora as reconhecemos por bem nossas, desta terra e desta alma».

Diga-se ainda que Roque Gameiro se não contentou em nos deixar

um punhado de obras-primas: legou-nos também, em seus filhos e discípulos, um punhado de artistas, que lhe continuaram e honraram o nome—Raquel, Helena, Rui, Mamia.

Desde que obteve, em 1891, na 1.<sup>a</sup> Exposição do Grémio Artístico, uma 3.<sup>a</sup> medalha, o grande mestre aguarelista não cessou de colecionar triunfos: 1.<sup>a</sup> medalha em aguarela e em desenho no Grémio Artístico (1897-1898); medalha de honra na Sociedade Nacional de Belas-Artes (1910); medalha de ouro do *Salon* de Paris (1900); *grand prix*, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1908); medalha de honra de 1.<sup>a</sup> classe na Exposição Internacional de Barcelona (1924); grande prêmio na Exposição Internacional Comemorativa da Independência do Brasil. Em 1923, foi eleito membro da Real Academia de Belas-Artes de S. Fernando, de Madrid—distinção raras vezes concedida a artistas portugueses.

Roque Gameiro

OBRAS PRINCIPAIS EM: Museu Nacional de Arte Contemporânea, («Praia das Maçãs», «Provando o jantar», «Nazaré» e «Castelo de S. Julião»); Museu da Cidade de Lisboa («Rua do Arco do Marquês de Alegrete—Lisboa»); Museu de Arte Contemporânea, de Madrid («Ribeira da Praia das Maçãs»); Museu Regional Grão Vasco, de Viseu («Arribas do Mar»); Biblioteca-Museu Almeida Moreira, de Viseu (um quadro de figura); Col. Família do Artista («Retrato da Mãe do Artista», «Retrato da Mulher do Artista», «Praia da Adraga», «Bailarico saloio», «Salóio de Colares», etc.); Casa-Museu dos Patudos, Alpiarça (algumas aguarelas); Col. D. Isabel Gorjão de Almeida («Gruta marinha» e «Estudo de mar»); Col. Prof. Francisco Gentil («S. Julião—Ericeira», «Coimbra», 1915, «Coimbra», 1917, e «Mar—Ericeira»); Col. Pedro Rodrigues Costa («Fortaleza das Berlengas» e «O Forte—Nazaré»); Col. Horácio Costa («Entrada de Óbidos»); Col. Dr. S. Gomes da Costa («Mar»); Col. D. Maria da Graça Bleck da Silva («Praia da Adraga»); Col. D. Maria José Bleck («Rampa sul da Ericeira»); Col. Condessa de Sabrosa («Praia das Maçãs»); Col. D. Hortense Reis («Arribas da Abitureira»); Col. Carlos de Abreu Baptista («Arco da Praia da Adraga»); Col. D. Maria Helena Ribeiro de

Matos («Senhora do Porto—Carvoeira», «Cruzeiro—Carvoeira» e «Mondego—Coimbra»); Col. Dr. Caldeira Cabral («Rua de Óbidos»); Col. Guilherme Ferreira Pinto Basto («O Facho—S. Martinho do Porto» e «S. Julião—Ericeira»); Col. José Pinto Basto («O Arco de Óbidos» e «Coimbra», 1917); Col. António Pinto Basto («Jardim da Quinta da Fonteira»); Col. Frederico Sabrosa («Mindelo—Praia das Maçãs»); Col. Alvaro Pedro de Sousa («Ferreira do Alentejo» e «Uma quelha em S. Romão»); Col. Carlos Spratley («Forte de Peniche» e «Farilhão da Cova»); Col. Carlos M. Esaiag («O Açude Roto» e «A ciganita»); Col. Dr. Clarimundo Guedes Emílio («Vale da Ronca—Azambuja», «Azambuja», «Vila Franca», «Choupal—Coimbra», «Foz—Nazaré» e «Mar—S. Martinho»); Col. D. Ana Roque Gameiro Ottolini Castelo Branco («Em S. Pedro do Sul»); Col. D. Lily Sílvia Rebelo («Barco da Caparica»); Col. D. Maria Delfina Guimarães Matos («Na Praia Grande»); Col. Karl Andersen («Mar—Praia das Maçãs»—2 aguarelas); Col. D. Maria do Carmo França («Peixeira»); Col. D. Guilhermina Monjardino (estudo para a «Rampa Histórica da Ericeira»); Col. Dr. Pedro Monjardino («Uma rua em S. Pedro do Sul» e «Aldeia de Sabugueiro»); Col. Dr. Amorim Ferreira («A Foz—Ericeira»); Col. Prof. Fernando Emídio da Silva («Escadinhas dos Remédios—Lisboa», «Largo do Chafariz de Dentro—Lisboa», «Pátio na Rua do Castelo Picão—Lisboa» e «Praia do Peixe—Ericeira»); Col. Herdeiros Dr. Afonso Lopes Vieira («Escadinhas de S. Miguel—Lisboa»); Col. Frederico Nunes Teixeira («Rua das Farinhas—Lisboa»); Col. D. Hebe Gomes («Portão de quinta—Óbidos»); Col. D. Raquel Roque Gameiro Ottolini («Vale da Ronca»); Col. D. Helena Roque Gameiro Leitão de Barros («Quinta do Conde—Colares»); Col. J. Leitão de Barros («Vila Franca»); Col. D. Mamiã Roque Gameiro Martins Barata («Mar»); Col. D. Maria Norton («Mar depois da chuva»); Col. D. Maria Raquel Bandeira de Melo Emílio («Nazaré»); Col. Manuel Posser de Andrade («Volta do mercado»); Col. D. Ana Schmidt («As ceifeiras»); Col. Coronel Pereira Coelho («Galera das Lavadeiras»—estudo); Col. José Alexandre Matos (várias aguarelas e 2 ilustrações); Col. Dr. A. Ferreira (1 ilustração); Col. Armando Fernandes Coelho («Areal e penedos—Praia da Rocha», 1918; «Areal e penedo furado—Praia da Rocha», 1918; e «Areal da praia», 1918); Col. Dr. António Anastácio Gonçalves; Col. Henrique Marques Júnior («Fonte da Presinha—Colares»); Col. Rodrigo Faria de Castro («Lavadeiras no Mondego»).



BIBLIOGRAFIA: Ribeiro Artur—«Arte e artistas contemporâneos»; «Lisboa velha»—álbum com prefácio de Afonso Lopes Vieira; Fernando de Pamplona—«Um Século de Pintura e Escultura em Portugal»; «Guia de Portugal»; «Exposição retrospectiva da obra de Roque Gameiro»—catálogo com prefácio de Teresa Leitão de Barros, 1946; Diogo de Macedo—«Sintra na pintura portuguesa do Século XIX»; «Museu Regional Grão Vasco» (catálogo-guia); «Exposição da Coleção Garrettiana de Ferreira Lima» (catálogo, 1954); «1.ª Exposição de Arte Retrospectiva», 1880-1933 (catálogo, 1937); «Exposição Retrospectiva Cinquentenária», 1901-1951 (catálogo, 1951); B. Xavier Coutinho—«Camões e as artes plásticas»—II; «Exposição no 50.º aniversário da morte de Roque Gameiro na Galeria da Câmara Municipal da Amadora» (catálogo, Setembro 1985).

GAMEIRO (ANTONIETA ROQUE)—ESCULTORA E CERAMISTA NEOFIGURATIVA, nascida em Minde em 1945. Utiliza de preferência o barro. Exp. ind.: Pátio Alfacinha, Lisboa, 1985. Neste certame, apresentou barros cujos temas eram mulheres e crianças interpretadas com lirismo—obras influenciadas, até certo ponto, pelos barristas do século XVIII.

GAMEIRO (AUGUSTO)—PINTOR DO SÉCULO XIX, discípulo do pintor-decorador parisiense Galland. Cursou a Academia Real de Belas-Artes de Lisboa e a Escola de Belas-Artes de Paris. Figurou com pintura na 13.ª Exposição da Sociedade Promotora de Belas-Artes (1884) e seguintes e na 1.ª Exposição do Grémio Artístico (1891) e seguintes.

GAMEIRO (HELENA ROQUE)—AGUARELISTA CONTEMPORÂNEA, (1895-1984), filha e discípula de Alfredo Roque Gameiro. De nobre sensibilidade, interpretava as flores com extraordinária delicadeza e sentimento, em composições cheias de elegância. Também se distinguiu na representação de interiores aristocráticos tocados de intimismo e em finas paisagens de tons suaves. Manejava com subtilidade a tinta de água, de que sabia tirar efeitos surpreendentes. Os seus cartões, executados com grande simplicidade, têm cunho profundamente feminino. Figurou com aguarelas na 10.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes (1913) e seguintes e logo em 1917 ali obteve a 1.ª medalha em aguarela. Após a morte de seu pai e mestre, ocorrida em 1935, esteve longos anos sem expor. Foi casada com o

saudoso aguarelista e realizador cinematográfico Leitão de Barros. Está representada no Museu Nacional de Arte Contemporânea com aguarelas de flores, no Museu Regional Grão Vasco, de Viseu, com os cartões «Óbidos», «Rua das Olarias» (Viana do Alentejo) e «Casal», e em muitas colecções particulares.

## Helena

BIBLIOGRAFIA: Fernando de Pamplona—«Um Século de Pintura e Escultura em Portugal»; «Guia de Portugal»; «Museu Regional Grão Vasco» (catálogo-guia).

GAMEIRO (MAMIA ROQUE)—PINTORA CONTEMPORÂNEA, nascida em 1901, filha e discípula de Alfredo Roque Gameiro. Figurou com pintura na 16.<sup>a</sup> Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes (1919) e seguintes. Muito cedo deixou de aparecer em exposições. Foi casada com o pintor Jaime Martins Barata, já falecido.

BIBLIOGRAFIA: Fernando de Pamplona—«Um Século de Pintura e Escultura em Portugal».

GAMEIRO (RAQUEL ROQUE)—AGUARELISTA CONTEMPORÂNEA (1889-1970), filha e discípula de Alfredo Roque Gameiro. Comprazia-se em representar, em tintas vivas e cantantes, figuras de pescadores e camponeses, surpreendidos na sua faina diária, e sobretudo tipos e costumes de saloios dos arredores de Lisboa, em cujos traços se vinca a sua ascendência moira. Também representava de maneira saborosa interiores rústicos, pobres mas airosos, com chitas de ramagens e loiças toscas de barro vidrado. Muito decorativas as suas composições de flores, de tonalidades fortes e álacres. Há nas aguarelas de Raquel Gameiro largo sentido ilustrativo. Estamos, demais, perante uma ilustradora talentosa, que sabia imprimir a este género de arte muita vivacidade e graça. Obteve a 1.<sup>a</sup> medalha em aguarela na Sociedade Nacional de Belas-Artes em 1929 e alcançou depois a medalha de honra. Está representada no Museu Nacional de Arte Contemporânea com algumas aguarelas, e bem assim no seu congénere de Madrid.

OUTRAS OBRAS: Col. João Félix da Silva Capucho, Prof. Doutor Fernando da Fonseca, D. Maria do Natal Mina, Major F. Supico, Henrique Adler, etc.

Raquel

BIBLIOGRAFIA: Fernando de Pamplona—«Um Século de Pintura e Escultura em Portugal».

GAMEIRO (RUI)—NOTÁVEL ESCULTOR CONTEMPORÂNEO (1906-1935), discípulo de Simões de Almeida (Sobrinho). Desapareceu em plena juventude, quando muito havia a esperar do seu raro talento. Modelou belas, fortes estátuas e soberbos baixos-relevos para um projecto de monumento ao Infante D. Henrique, a erguer em Sagres, da autoria dos architectos Carlos e Guilherme Rebelo de Andrade. Fez uma vigorosa estátua de D. João II sentado no trono e um esboço para o baixo-relevo «Nun'Álvares Condestável», figura equestre. Nas suas obras de evocação histórica, as figuras másculas e imponentes, de expressão grave e calma em que transparece o querer inquebrantável, têm a animá-las e a iluminá-las nobre espiritualidade e ardente idealismo: são, em suma, imagens de epopeia. Devem-se-lhe ainda admiráveis monumentos erguidos em Abrantes e Lourenço Marques aos Mortos da Grande Guerra de 1914-1918. Representou com sensibilidade a figura feminina: a sua «Salomé», de corpo serpentino modelado com nervo, tem graça capotosa e estonteante. Revelou-se ainda excelente retratista em bustos de observação penetrante e de forte modelado, como o de José Tagarro (Museu de Arte Contemporânea). Dele escreveu um pintor moderno, José Amaro Júnior, seu companheiro de ideal: «Rui Roque Gameiro foi um grande artista e uma grande alma. Viria a ser um grande escultor de Portugal. Ia a caminho do triunfo, aquele triunfo que só é grande quando se luta muito. José de Figueiredo, o esteta admirável e crítico ilustre, profetizava a sua consagração. O meio artístico e intelectual seguia-o com a inquietação de quem espera mais; o povo começava a adorá-lo e talvez até a compreendê-lo».

Ruy: RG



RAQUEL ROQUE GAMEIRO — «BEIRA BAIXA» — Museu Nacional de Arte Contemporânea

## G A M

BIBLIOGRAFIA: Fernando de Pamplona—«Um Século de Pintura e Escultura em Portugal»; «Exposição Retrospectiva da Obra de Roque Gameiro» (catálogo, 1946).

GAMITO (MARIA JOÃO)—PINTORA ABSTRACTA, nascida em 1956 em Lisboa. Exp. colect.: Lis-81; Salão de Outono, Gal. do Casino do Estoril, 1981.

GAND (OLIVIER DE)—ENTALHADOR E ESCULTOR FLAMENGO DOS SÉCULOS XV E XVI († 1512), que esteve em Portugal. Antes de vir para o nosso país, trabalhou em Toledo em 1499 e possivelmente também em Sevilha, na respectiva catedral. De colaboração com outro escultor e entalhador flamengo, Jean d'Ypres, executou o retábulo gótico flamejante do altar-mor da Sé Velha de Coimbra, de madeira policromada, com predomínio do azul e oiro—o único trabalho importante do género que nos resta. Esta obra notável, terminada em 1508, é organizada à maneira de políptico de cinco folhas, com dossel e remate geral, e está marcada com o brasão do Bispo-Conde D. Jorge de Almeida. É no grupo da «Assunção da Virgem» que atinge maior serenidade e nobreza. Fez o mesmo artista em 1508, para S. Francisco de Évora, um retábulo e um cadeiral ricos, que el-rei D. Manuel lhe deu de empreitada e que se perderam. Um «S. Gabriel» elegante e esguio, no estilo da escola de Bruges, que existe num altar a meio da nave da Sé de Évora, talvez seja da autoria de Olivier de Gand. O mesmo artista começou a executar, para o coro alto do Convento de Cristo, em Tomar, um opulento cadeiral, com a colaboração dos entalhadores José Leal, Garcia Leal e Fernão Munhoz ou Muñoz; por morte de Olivier de Gand, foi Fernão Munhoz quem continuou a obra e a terminou no ano de 1513; em 1810, quando da 3.<sup>a</sup> invasão francesa, foi ele vandalicamente destruído pela soldadesca napoleónica. Pode fazer-se ideia da riqueza da sua talha por um desenho que dele nos ficou.

BIBLIOGRAFIA: Raczyński—«Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal» e «Les Arts en Portugal»; Virgílio Correia—«A escultura portuguesa no 1.<sup>o</sup> terço do século XVI» e estudo *in* «História de Portugal», vol. IV, 2.<sup>a</sup> época, 5.<sup>a</sup> parte, cap. VI (Portucalense Editora); Virgílio Correia e Nogueira Gonçalves—«Inventário Artístico de Portugal» (Cidade de Coimbra); «Guia de Portugal»; Diogo de Macedo—«Iconografia tumular portuguesa».

